



Região Autónoma  
da Madeira  
Governo Regional

Secretaria Regional  
da Inclusão e Assuntos Sociais  
Instituto de Segurança Social  
da Madeira, IPRAM

Secretaria Regional  
de Educação  
Direção Regional de Educação



# Inclusão

Semana Regional da Pessoa  
com Necessidades Especiais

*Abraçar a Igualdade num Mundo de Diferenças*

**3-9  
dezembro  
2016**

# Alice, a Bailarina

Um conto infantil de Isabel Fagundes  
Ilustração de Roberto Macedo Alves

# Alice, a Bailarina

A história real de entre tantas outras

Esta é a história da Alice, uma menina de olhos pequenos e enorme sorriso, que vivia numa cidade pequena com casas arrumadinhas, pintadas de cores alegres e juntinhas umas às outras. A sua era a verde, a que tinha um enorme carvalho no jardim onde estava suspenso um baloiço de madeira castanha. Às vezes, debaixo dessa árvore descansava o seu cão, o Bill, um golden retriever amarelo e peludo, tão doce como o cão mais doce que podemos encontrar.

Alice era uma menina pequenina, de baixa estatura, com mãos e pés pequenos e um pouco quadrados, nariz e boca também pequenos assim como os seus olhos azuis da cor do mar.

Todos os dias ia à escola como iam todas as crianças daquela cidade pequena e arrumadinha. Ali, aprendia o que lhe era possível aprender. Ela frequentava a escola de primeiro ciclo embora já tivesse dez anitos.

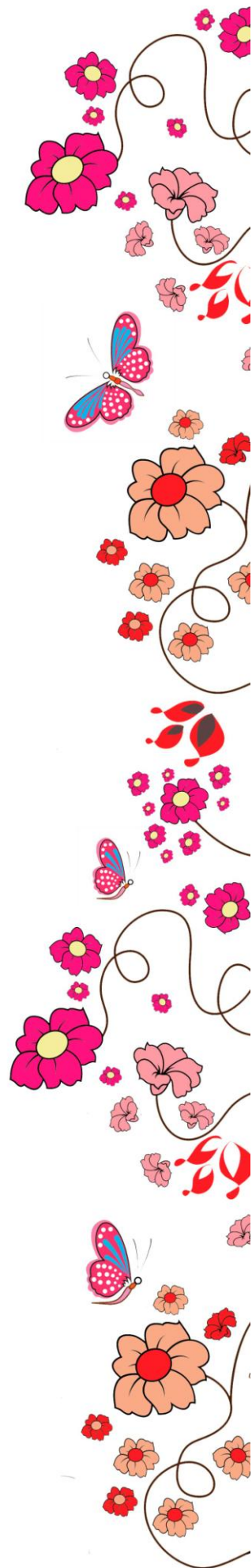
Lá, na escola da cidade, Alice tinha, além da professora do ensino regular, um professor de Educação Especial, e uma psicóloga. A menina era diferente das outras crianças, pois o seu desenvolvimento físico e mental faziam-se a um ritmo diferente dos restantes colegas.

Ela era uma menina especial, mentalmente diferente dos pré-adolescentes da sua idade. Tinha Trissomia 21 ou síndrome de Down, uma condição que a acompanhava desde o dia que nasceu e seguiria consigo pela vida, que não seria muito longa, porque as pessoas com esta condição normalmente não vivem muitos anos até à velhice.

Não tinha amigos, porque as outras crianças não a queriam, ou não sabiam, como brincar com ela. Alice tinha dificuldade na linguagem, não conseguia fazer conversas, as suas palavras eram difíceis de entender e também, por essa razão, os seus colegas não conviviam muito com ela.

Como não tinha muita força muscular, não podia correr nem saltar como os outros, além de não entender nada sobre as regras dos jogos que praticavam durante o recreio.

Os dias de escola de Alice eram quase sempre iguais. Por vezes recolhida a um canto, esperava o toque para as aulas seguintes, sentada no banco de cimento que havia no espaço de recreio. Ninguém a procurava para brincar. As outras crianças não entendiam que as pessoas diferentes também precisam de atenção, de afeto, de serem aceites, para que se possam sentir mais felizes.



Certo dia, na aula de educação física, a professora colocou uma música no leitor de Cds e pediu aos alunos para dançarem livremente.

- Vamos lá crianças, soltem o corpo e dançam!

Alguns eram um pouco desajeitados, outros até conseguiam acertar com o compasso, mas foi a Alice que surpreendeu!

Apesar da sua pouca energia muscular, ela movia-se ligeiramente ao ritmo da música e balançava os braços e as pernas, até parecia que a dança sempre fizera parte da sua vida.

À professora Susana, de educação física, a revelação da Alice não passou despercebida. Resolveu, então, fazer algo para que a menina fosse incluída num grupo em que pudesse pôr em prática o seu talento.

Naquela cidade pequena, de casas coloridas e arrumadinhas, havia um grupo especificado em orientar para a dança as pessoas com necessidades especiais, e prepará-las para a apresentação de espetáculos ao público em geral. Neste grupo eram integradas pessoas com deficiência e outras, como professores e educadores, bailarinos profissionais e estudantes de dança, que ajudavam as pessoas especiais na sua integração na sociedade e também as orientavam nos espetáculos. O objetivo deste grupo era lutar pela igualdade de oportunidades e pelos direitos da pessoa com deficiência.

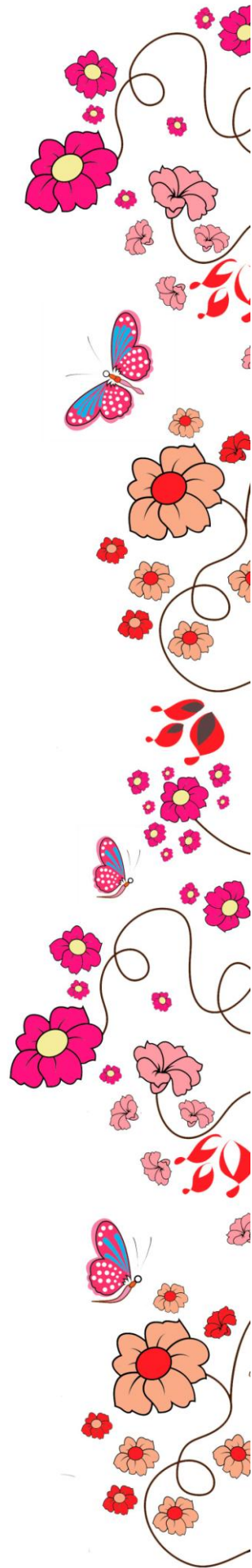
No primeiro dia de aulas de dança, quando a sua mãe levou a menina ao ginásio onde decorriam as aulas, Alice não quis ficar, pois não conhecia as pessoas que lá estavam e insistiu, teimosamente, puxando a mão da sua mãe, para que fossem embora, o que, inevitavelmente aconteceu.

Nos dias que se seguiram, e depois de ser convencida a frequentar, na parte da tarde, as aulas de dança, a menina repartia o seu tempo entre as aulas na sua escola e o ginásio.

Nesse grupo havia quatro raparigas e três rapazes com trissomia 21, uma rapariga sem uma perna, uma menina que se movimentava numa cadeira de rodas, dois rapazes autistas e um menino surdo, que eram bailarinos, e já tinham participado em vários espetáculos na Europa e no Brasil.

Aos poucos Alice foi conhecendo os seus colegas e a cada dia a sua flexibilidade e destreza de movimentos iam evoluindo.

Com o passar do tempo as crianças da escola foram aprendendo como conviver com a Alice. As meninas, que gostavam de dançar, inventavam coreografias e ensaiavam-nas na hora do recreio, convidando a menina a juntar-se a elas. Alice delirava com o contacto mais próximo com as colegas e por vezes abraçava-as. Algumas vezes inventava também coreografias, e todas juntas divertiam-se muito.



A dança passou a ser a linguagem com que Alice e as colegas comunicavam. Os momentos de solidão na escola passaram a fazer parte do passado, pois as crianças aprenderam a lidar com a diferença de Alice de uma forma natural.

Quando chegou ao outono, e as folhas já amarelavam nos jardins da escola, certo dia o professor da Educação Especial guiou as crianças à sala de Biblioteca, que era a maior sala da escola, para lhes fazer uma comunicação:

No próximo dia 13 deste mês haverá um espetáculo com o tema “Singularidades do Movimento” com o grupo de dança “Ser diferente entre iguais”, do qual faz parte a nossa coleguinha Alice. Peçam aos vossos pais para irem assistir, é uma apresentação muito linda e vale a pena apreciarem os talentos de pessoas maravilhosas.

Logo a Sara, a Joana, a Luísa e a Marta comentaram entre elas:

- Eu quero muito ir! - exclamou a Sara.

- Eu também quero ver a Alice dançar! - concordou a Luísa.

- Temos de ir todas porque é muito importante para a Alice e para nós também! - acrescentou a Joana.

Os pais das crianças concordaram que era muito importante que os seus filhos assistissem àquele evento.

No dia do espetáculo, todas as crianças muito ansiosas, sentaram-se nas cadeiras da frente, na sala principal de espetáculos da cidade. Puderam deliciar-se com todo o ambiente de luz e cor que preenchia todo o cenário, e depois maravilharam-se com as apresentações das pessoas especiais que lhes ofereciam o mais belo espetáculo de movimento que haviam visto.

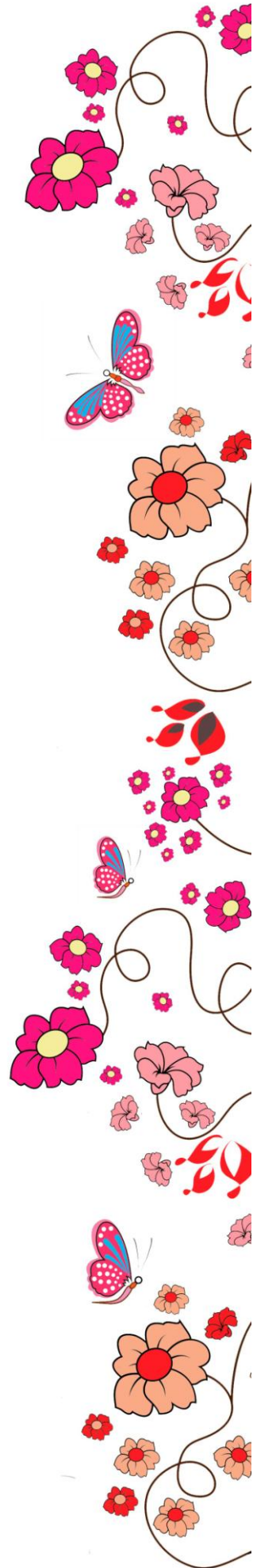
E a Alice?

Ela foi maravilhosa! Dançava por vezes como uma borboleta e outras como um pássaro ao vento numa agilidade que jamais imaginámos que possuía.

Aquela menina mostrou a estrela bailarina que brilhava dentro de si.

Quando terminou o espetáculo, as crianças da escola de Alice esperaram por ela à saída e felicitaram-na pela sua atuação. A menina ficou contente e abraçou-os um a um. Sentia-se tão feliz!

Depois, agarrou a mão do seu pai e da sua mãe e dirigiram-se para casa, aquela verde com um carvalho no jardim e um baloiço pendurado.



Antes de dormir, Alice ficou uns momentos sentada na escada do quintal com o seu cão Bill, que a conhecia e a entendia melhor do que ninguém, e que lhe dava lambidelas como se a cumprimentasse pelo seu sucesso, e por mais um passo dado ao encontro de uma sociedade que tantas vezes se esquece que todas as pessoas com necessidades especiais são iguais, têm direito a afetos e atenção, a cuidados especiais e a serem aceites como são, sem serem rejeitadas ou discriminadas.

